



UNIVERSIDADE ESTDUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

RAFAELA DAYNE RIBEIRO LUCENA

**RELAÇÕES DE PODER:  
O PAPEL DO LETRAMENTO NA AUTOESTIMA DA MULHER  
NEGRA EM A *COR PÚRPURA E PRECIOSA***

GUARABIRA – PB

2010

Rafaela Dayne Ribeiro Lucena

**RELAÇÕES DE PODER:  
O PAPEL DO LETRAMENTO NA AUTOESTIMA DA  
MULHER NEGRA EM *A COR PÚRPURA E PRECIOSA***

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciado em Letras, sob a orientação da Prof. Dra. Sueli Meira Liebig.

Guarabira – PB

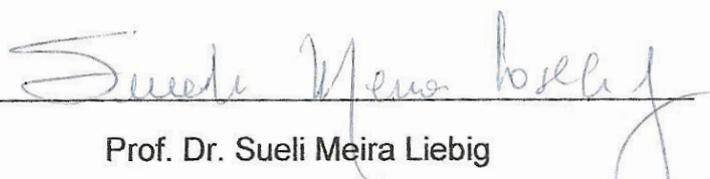
2010

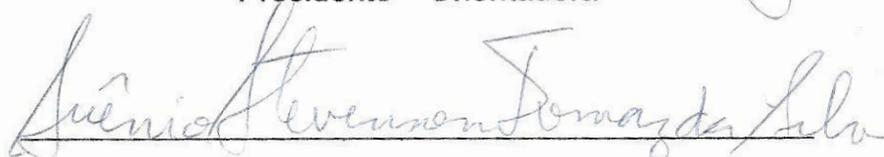
Rafaela Dayne Ribeiro Lucena

**RELAÇÕES DE PODER:**  
**O PAPEL DO LETRAMENTO NA AUTOESTIMA DA MULHER**  
**NEGRA EM A COR PÚRPURA E PRECIOSA**

**Comissão Examinadora**

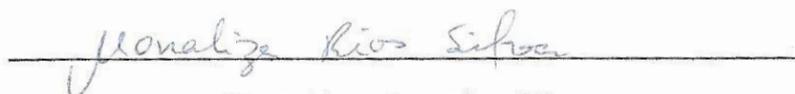
AUTO

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Sueli Meira Liebig  
Presidente – Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomás da Silva

Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomás da Silva

1º Membro

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Monaliza Rios Silva

Prof. Monaliza Rios Silva

2º Membro

Aprovada em 14 de dezembro de 2010.

Guarabira - PB

2010

L935r Lucena, Rafaela Dayne Ribeiro.

Relações de poder [manuscrito]: o papel do letramento na autoestima da mulher negra em a cor púrpura e preciosa / Rafaela Dayne Ribeiro Lucena. – 2010.

46 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Centro de Educação, 2010.

“Orientação: Profa Dra. Sueli Meira Liebig, Departamento de Letras e Artes”.

1. Letramento. 2. Autoestima. 3. Identidade. I. Título.

21. ed. CDD 379.24

## DEDICATÓRIA

A minha querida e amada mãe que teve seu ciclo vital interrompido tão precocemente, partiu sem ter concluído todos os seus projetos e acreditando no meu progresso. Acredito que o meu esforço e empenho acadêmico seja uma forma de realização desses projetos que não tiveram tempo de serem concluídos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus por ter me concedido o dom da vida.

A Professora Sueli Liebig por ter tido paciência e dedicação em me orientar nessa caminhada.

Ao meu pai que nunca mediu esforços para me auxiliar nos estudos.

A minha irmã Dayane por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida.

A minha família e o meu namorado pela admiração que têm por mim.

A todos os meus colegas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho, em especial a Gildiane.

**“Todas as coisas são difíceis antes de se tornarem fáceis”.**

(J. Norley)

## Resumo

Este trabalho enfatiza o papel do letramento na auto-estima da mulher negra, tendo como base os romances das escritoras afro-americanas Alice Walker *The Color Purple* (A Cor Púrpura) e Sapphire, *Push* (Preciosa). Relacionamos nas duas obras o processo de crescimento das protagonistas da condição de adolescentes analfabetas, violentadas, e engravidadas pelos próprios pais, que descobrem na leitura e na escrita uma maneira de libertar-se da opressão familiar e social de que são vítimas, alcançando visibilidade e respeito perante a sociedade. Para isso, subsidiamo-nos nos estudos de Bagno (2002), Koch (2006), Masetto (1997), como também nas pesquisas de Bernd (1997), Smith (1989) e Valente (1987) sobre a escrita das mulheres negras, demonstrando através da relação entre saber e poder que a aquisição de conhecimento pode ser a rota de fuga dessas personagens em direção à liberdade e aos direitos civis enquanto seres humanos.

**Palavras – chave: Mulher negra, Letramento, Autoestima, Identidade.**

## Abstract

This work emphasizes the role of literacy in the black women's self-esteem, grounded in the novels by the African-American writers Alice Walker - *The Color Purple* - and Sapphire - *Push*. In these works we relate the protagonists's process of growing up from the condition of illiterate teenagers, raped and made pregnant by their own fathers, who discover in reading and writing a way to get reed from familiar and social oppression which victimize them, attaining visibility and respect in face of society. To this end, we take as theoretical basis the studies by Bagno (2002), Koch (2006), and Masetto (1997), as well as the researches by Bernd (1997), Smith (1989) and Valente (1987) about the writing of black women, showing through the relationship between knowledge and power that the acquisition of literacy may signify the escape route for these characters towards liberty and civil rights while human beings.

**Key – Words: Black women, Literacy, Self-esteem, Identity.**

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	09
2.	A CONDIÇÃO SOCIAL DA MULHER.....	10
2.1	A MULHER NA HISTÓRIA.....	10
2.2	TRABALHO: UMA CONQUISTA DE MUITO TEMPO.....	14
3.	PARTICULARIDADES DA LITERATURA NEGRA.....	18
3.1	MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS: UMA QUESTÃO REVOLUCIONÁRIA.....	18
4.	O GÊNERO CONFSSIONAL.....	22
5.	MULHER NEGRA, O LETRAMENTO E AS RELAÇÕES DE PODER.....	26
6.	WALKER E SAPPHIRE: CONVERGÊNCIAS.....	31
7.	CELIE E PRECIOSA: LEITURA, LETRAMENTO E LIBERDADE.....	33
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS.....	45

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar a importância do letramento para a autoestima da mulher negra. Para isso, faremos uma análise comparativa dos romances confessionais das escritoras afro-americanas Alice Walker *The Color Purple* (A cor Púrpura) de 1982 e *Push* (Preciosa) de 2010, de Sapphire, onde fica claro para o leitor o papel da alfabetização na vida das protagonistas Celie Johnson e Clarice Precious Jones. Assim, perceberemos o papel significativo que a aquisição da linguagem escrita desempenha na vida dessas mulheres, que durante muito tempo foram discriminadas, abusadas, ridicularizadas pela sociedade, desprezadas e excluídas da história, perdendo o direito à escolarização, à assimilação de novos conhecimentos e à oportunidade de externar seus pensamentos como ser humano crítico e pensante. Pelo contrário, estas mulheres tiveram que calar-se e viver na obscuridade de servir apenas para obedecer ordens, criar a família e muitas vezes serem violentadas sem ter ao menos a oportunidade de reclamar. Essa difícil situação reflete as práticas executadas por uma sociedade extremamente preconceituosa e machista, capaz de impor a condição de ser subalterno às mulheres e obrigá-las a viverem uma insidiosa submissão aos homens.

Num primeiro momento abordaremos a condição social da mulher ao longo do tempo, relatando a historicidade feminina e tentando revelar suas lutas, suas conquistas, seus costumes e seus desejos desconsiderados pelo sistema patriarcal. Em seguida, enfatizaremos a questão da mulher negra, mostrando sua posição na sociedade, enquanto enquadraremos o letramento nas vidas desse seres como uma ferramenta de libertação da sua condição de dominada, revelando que a condição de letrada eleva consideravelmente sua autoestima e devolve-lhe o incentivo para continuar vivendo e vencendo seus obstáculos.

Finalmente nossa pesquisa compara os dois romances, evidenciando as condições socioculturais em que viviam Celie Johnson e Clarice Precious Jones, marcadas pela busca de letramento, liberdade de expressão e respeito.

## 2. A CONDIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Desde o século XIX e início do século XX, o movimento feminista se voltava a reivindicações de igualdade de direitos entre homens e mulheres, tais como o voto, o trabalho fora da esfera doméstica e o estudo. Depois dos anos 1970, a chamada “segunda onda” feminista volta-se para questões mais de ordem política. Sendo assim, torna-se mais radical e passa a ser organizada como “movimento” na concepção *strictu sensu* da palavra. Dessa forma, o termo “movimento de mulheres” toma fôlego no escopo das lutas feministas cujo cerne refere-se a grupos de diversas facções. Surgem as diferentes formas de movimento de mulheres, a saber: o feminismo liberal ou “burguês”, o feminismo radical, as mulheres marxistas ou socialistas, as mulheres lésbicas, as mulheres negras, entre outras dimensões categóricas.

### 2.1 A MULHER NA HISTÓRIA

A hierarquização dos sexos incorpora ao universo feminino a luta constante para sua atuação na sociedade, visto que desde os primórdios a figura masculina sempre impôs a autoridade em relação ao sexo feminino. A função da mulher enquanto dona-de-casa e mãe, entre outros papéis tidos como “secundários” é uma questão social, uma vez que a própria família e a sociedade em massa, exigem da mulher que ela seja uma relíquia antiga, para quem muitos cismam em mostrar que o fato de ser do sexo feminino a torna “algo”, uma espécie de coisificação que a destina a ocupar o segundo ou talvez terceiro lugar na vida social, isso se por sorte não interromperem sua chegada ao mundo antes mesmo da formação complexa dos seus órgãos, como acontece em muitos países ainda hoje.

Infelizmente determinadas culturas orientais desvalorizam bastante o gênero feminino, e devido a tal posicionamento percebemos desde a gestação as consequências deste malefício para a mulher, inclusive através do aborto induzido.

A respeito da credibilidade da vida feminina Perrot diz:

O infanticídio das meninas é uma prática muito antiga, que perdura maciçamente na Índia e principalmente na China, por causa da limitação a um único filho: eliminam-se as filhas (sendo atualmente mais através do

aborto) até que se tenha um filho. Por causa disso, há uma falta de centenas de milhares de meninas. A tal ponto que as sociedades de obstetrícia e de ginecologia da Índia declararam que em 1986 o “feticídio” feminino um crime contra a humanidade (PERROT, 2008, p. 42).

Notamos que as desvantagens prosseguem atingindo as mais distintas áreas da vida desse ser discriminado, sempre em busca de conquistas através de várias tentativas de ascensão da cidadania. O caminho percorrido foi e continua sendo árduo: foram muitos anos na tentativa de adquirir alguns direitos quando as mulheres ainda nem eram consideradas como indivíduos. Entretanto, para quem sentiu na pele toda a repreensão dos conceitos patriarcais não se trata de um milagre e sim de determinação pela ruptura do preconceito. Uma das inúmeras dificuldades da evolução da mulher está principalmente na educação que lhes é oferecida, visto que a escolaridade das garotas é vista com desprezo porque cabe a elas serem futuras submissas. Então é desnecessária a leitura e a escrita, não sendo da sua competência pensar e resolver problemas diários que envolvam essas habilidades, isso será executado pelo homem da casa. Assim, a sua posição intelectual foi durante muitos anos, minada pelos cuidados extremos dos patriarcas contra a instrução feminina.

Vale salientar que a religião colaborou no desenvolvimento da leitura das mulheres, através dos estudos da palavra de Deus. Durante muito tempo elas tinham acesso quase que igualitário ao mundo das letras, apesar de remetê-las ao ensinamento de comportamentos baseados na obediência eterna ao esposo. Não podemos descartar o fato de que a partir do reconhecimento e compreensão dos símbolos gráficos elas iriam pensar por si próprias.

Quanto à escolarização feminina, Perrot comenta que:

A escolarização das meninas é mais atrasada que a dos meninos, principalmente nos países católicos. Sob esse ângulo, o protestantismo, que promove uma leitura Bíblica pelos dois sexos, é muito mais igualitário. Nos meios católicos, as religiosas se encarregam de ateliês onde ensinam às meninas: rudimentos de leitura, a prece e, principalmente, a costura (PERROT, 2008, pp. 43-44).

Atualmente ainda presenciamos na sociedade costumes que transformam o corpo da mulher em sua principal prisão. Por onde andamos podemos presenciar mulheres vestindo os mais variados modelos. São calças, saias justas e blusas apertadas que deixam transparecer as silhuetas, portanto, nem sempre esse modelo

foi bem aceito pela sociedade, tanto é que no oriente ainda se perpetua a cultura de cobrir literalmente o corpo feminino, como sinal de posse e submissão aos homens. Um dos símbolos mais difundidos dessa representação de posse e dependência é o véu, incluído com estilo o véu da noiva, que por sua vez revela a pureza e mutuamente a dependência em relação ao seu presente noivo e em poucas horas futuro marido. A esse respeito, Perrot afirma:

Ainda mais quando o fundamentalismo pretende submetê-la a isso. O véu é um símbolo de dominação das mulheres e de seu corpo. Eu te ponho um véu porque tu me pertences. Compreende-se que seja um objeto de discórdia, que, na França, está presente tanto no movimento de reivindicações *Ni putés ni soumises* [nem putas nem submissas] quanto nos debates em torno da lei sobre a proibição do véu na escola pública, os quais dividiram as próprias feministas (PERROT, 2008, p. 58).

A imagem da mulher revela o poder sedutor que a envolve, a sua aparência bela desde tempos imemoriais. Isto lhe proporcionou casamentos perfeitos, repletos de conforto e raramente de amor. Quando mencionamos o termo “amor” estamos nos referindo a um sentimento que suscita em ambos os sexos a espontânea vontade de vivermos intensamente, tendo a certeza que somos os seres mais felizes do planeta. Já o mistério da sexualidade da mulher gira em torno do valor e da comparação atribuída a elas, ao serem relacionadas com as santas e virgens do catolicismo e receberem a missão de viver se espelhando nos conceitos patriarcais representados pelas personagens bíblicas. Desde então, a virgindade é valiosa para a sua conduta moral. As palavras de Perrot evidenciam essa ideia:

A virgindade é um valor supremo para as mulheres e principalmente para as moças. A Virgem Maria, em oposição a Maria Madalena, é seu modelo e protetora, Ela é, ao mesmo tempo, concebida sem pecado (dogma da Imaculada Conceição, Pio IX, em 1854) e concebe sem o homem, “pela intervenção do Espírito Santo”. A Virgem, entretanto é mãe em toda plenitude; ela carrega seu filho no ventre, o alimenta, o segue em suas pregações, o sustenta em sua paixão, o assiste em sua morte: a mãe perfeita, mas somente mãe (PERROT, 2008, p. 64).

A maternidade é outra questão que cerca as mulheres e tem uma parcela muito significativa em relação aos valores atribuídos a elas. Sendo assim, ela torna-se um fato social, chegando a ser uma marca de identidade para as mulheres. Porém nem sempre ser mãe foi sinal de conforto e bem estar para muitas mulheres, principalmente para aquelas das camadas mais pobres da sociedade, mocinhas novas que se alojavam em casas de famílias e propriedades rurais a fim de trabalhar

e garantir a sua subsistência, por exemplo, e eram seduzidas pelo patrão ou por um empregado. Desonradas e desprotegidas, muitas recorriam a práticas nada aceitáveis pela sociedade, os infanticídios e abortos, num momento de desespero e angústia. Além disso, o parto era a principal causa da morte das mulheres, por causa das precárias condições higiênicas na hora de dar a luz, pois a maioria delas recorria a parteiras, sem contar que o homem tinha pouca participação com relação à atenção que deveria ser dedicada às mulheres lactantes. Pelo contrário, muitos reclamavam da falta de atenção por parte de suas companheiras, uma vez que, dedicavam muito tempo ao bebê e também ficavam impossibilitadas de exercer relações conjugais por um determinado período. O corpo feminino sempre foi objeto de desejo sexual para o universo masculino, mas houve uma época em que o corpo da mulher passou a ser subjugado a ponto de submeter-se à comercialização. Esse objeto de desejo muitas vezes ficava vulnerável aos maus tratos dos homens, que batiam nas esposas e essa era uma prática considerada normal, era bem aceita pela sociedade como imposição do homem à condição de chefe de família, desde que este agisse com moderação. Essa prática era mais normal ainda se a mulher tivesse a fama de dona-de-casa relaxada. Algumas mulheres começaram a aderir à comercialização do corpo, tornando-se prostitutas, passaram a reivindicar o reconhecimento da profissão, ato considerado pelas abolicionistas como a aceitação de um absurdo. Atualmente a visão sobre esse tipo de atividade é outra:

A visão atual é a de uma globalização com redes estruturadas que se abastecem em todos os bolsões de pobreza – Europa Oriental, África, Subsaariana, “paraíso tailandês” etc. - , e utilizam os recursos infinitos da internet para uma circulação acentuada num mercado em expansão e fonte de lucros consideráveis. Um mercado no qual o corpo das mulheres é objeto de valor (PERROT, 2008, p.80).

Os estudos feministas na contemporaneidade nos mostram que as mulheres têm superado alguns dogmas atribuídos a elas durante muito tempo, deixando para trás o nefando discurso de submissão e de retenção pelo ser masculino em suas vidas, esquecendo a titulação de sexo frágil e reafirmando a intenção de ser forte e pensante dotada de estratégias para conduzir seus papéis na sociedade. A condição de mulher antecipada suscita no imaginário de alguns homens a ideia de poder ter uma companheira inteligente e livre, mas amedronta grande parte deles, pois temem ser desbancados. De acordo com Perrot:

Ora a mulher é fogo, devastadora das rotinas familiares e da ordem burguesa, devoradora, consumindo as energias viris, mulher das febres e das paixões românticas, que a psicanálise, guardiã da paz das famílias, colocará na categoria de neuróticas; filha do diabo, mulher louca, histérica herdeira das feiticeiras de outrora (PERROT, 1988, pp. 187-188).

## 2.2 TRABALHO: UMA CONQUISTA DE MUITO TEMPO

Durante muito tempo as mulheres viveram condicionadas ao trabalho doméstico, atividade consideravelmente invisível, sem direito ao reconhecimento adequado. A partir do processo de industrialização, entre os séculos XVIII - XIX nas sociedades ocidentais coloca-se em evidência a questão o “trabalho das mulheres”. Começa o questionamento à cerca das atividades que poderiam ser exercidas pelas mulheres, bem como ofícios reconhecidos que lhes trouxessem remuneração. Desde tempos remotos as mulheres foram camponesas, ligadas a trabalhos rurais. Esse grupo de mulheres eram mais pacíficas como podemos perceber na afirmação de Perrot:

Ora, as camponesas são as mais silenciosas das mulheres. Imersas na hierarquia de sociedades patriarcais, são poucas as que emergem do grupo, pois se fundem com a família, com os trabalhos e os dias de uma vida rural que parece escapar a história, sendo mais objeto das pesquisas dos etnólogos (PERROT, 2008, p. 110).

No entanto, essas mulheres, nossas antepassadas, que há aproximadamente quatro gerações viviam nas aldeias, praticamente desapareceram para condicionar-se a uma vida urbana, restando apenas velhas fotografias em que posam em grupo. O trabalho doméstico é imposto como fundamental na vida das sociedades, porém era exclusivamente tarefa das mulheres cumprirem esse desafio de todos os dias, por ser um trabalho físico que depende de um corpo pouco qualificado e pouco mecanizado. No entanto, é uma atividade que requer bastante dedicação e atenção chegando a ser um peso para a grande maioria das mulheres, vejamos o que diz Perrot sobre isso:

O trabalho doméstico é fundamental na vida das sociedades ao proporcionar seu funcionamento e reprodução, e na vida das mulheres. É um peso nos ombros, pois é responsabilidade delas. É um peso também na sua identidade: a dona-de-casa perfeita é o modelo sonhado da boa educação, e torna-se um objeto de desejo para os homens e uma obsessão para as mulheres. O caráter doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona-de-casa (PERROT, 2008, p. 114).

Ainda em meados dos séculos XVIII e XIX, houve uma conscientização sobre a importância do trabalho doméstico para a vida das famílias, sendo assim os economistas da época passaram a ver a dona-de-casa dos meios operários como a base do equilíbrio econômico e familiar. Passamos a ter diferentes personagens para o trabalho doméstico: a dona-de-casa burguesa, por exemplo, era responsável pelos filhos, principalmente as filhas com idade para casar, era responsável pelo marido, pelo cardápio da casa e especialmente pela criadagem, já que segundo Perrot (2006, p. 116) “ser servido é a marca última de uma posição, enquanto que não poder ser servido assinala uma decadência de status.” Foi pouco antes da guerra de 1914 que o trabalho doméstico passou a ser o principal setor de trabalho das mulheres, as empregadas domésticas eram remuneradas, porém elas não eram propriamente assalariadas, elas recebiam uma espécie de retribuições como casa e comida, estavam submetidas a descontos caso estragassem um móvel, roupas ou pertences dos patrões. O processo de industrialização elevou a temática “o trabalho das mulheres” ao seu apogeu, o setor têxtil foi o grande empregador das mulheres nas fábricas e nos ateliês. As operárias começavam a trabalhar muito cedo nas fábricas por volta dos 12 ou 13 anos, o trabalho era simples e monótono, inclusive com gestos repetitivos, mas as jornadas de trabalho eram muito longas chegando a 14 horas diárias no começo da industrialização, o assédio sexual era um dos principais motivos de greve. Nos dias atuais o setor terciário é o que mais cresce, chegando a ocupar 75% das atividades realizadas pelas mulheres, visto que, abrange um leque bastante amplo de profissões terciárias, a maioria delas consagradas como essenciais para as mulheres. Como podemos perceber no fragmento abaixo:

A maioria dos empregos que elas ocupam são marcados pela persistência de um caráter doméstico e feminino: importância do corpo e das aparências; função das qualidades ditas femininas, dentre as quais as mais importantes são o devotamento, a prestimosidade, o sorriso etc. Pelo menos, era o que ocorria até os anos 1980-1990 (PERROT, 2008, p.123).

Mesmo assim o preconceito contra a mulher enquanto trabalhadora era visível: as vendedoras de lojas de departamento, por exemplo, recebiam salários inaceitáveis, além disso, elas eram aconselhadas a arrumar um protetor, havia discriminação até mesmo no ato da admissão das jovens no emprego, era preciso ser recomendada, para poder garantir a vaga, além de tudo não estavam livres dos

comentários maldosos da sociedade, uma vez que, esses lugares públicos não eram considerados como de boa reputação. Segundo Perrot (2006, p. 124) “Em 1936, as mulheres, que se tornaram majoritárias, ocupam as lojas de departamentos. Chegam a dormir no emprego, o que dá ensejo a piadas mais ou menos picantes.” Até mesmo nas profissões que demonstram uma elevada consideração para com a educação das crianças nos seus primeiros anos de escolarização, como é o caso das professoras primárias, percebemos que existiram processos bastante complexos, como a obrigatoriedade da escola para os dois sexos, porém em escolas distintas quando possível, isso fez com que a educação destinada às meninas ficasse sob a responsabilidade das profissionais do sexo feminino acarretando estereótipos: elas foram taxadas de solitárias, eram tidas como indesejáveis, diziam que a vida dessas mulheres não era alegre e que dificilmente elas se casariam. Logo, não teriam como cumprir seu destino de mulher. Quando aspiravam cursar o ensino superior, continuavam sendo indesejadas nas universidades, só após a Segunda Guerra Mundial temos uma mudança positiva para as mulheres com relação ao ensino.

Depois da Segunda Guerra Mundial a situação muda radicalmente. E o ensino, atualmente, é uma profissão amplamente feminina, da qual se diz que é “boa para a mulher”. O que não é necessariamente um bom sinal. Uma relativa paridade sexual é uma garantia de igualdade (PERROT, 2008, pp. 127-128).

Na sociedade abordada aqui, a mulher que se sobressaísse, mesmo profissionalmente, era considerada desonrada. Portanto, profissões tidas como audaciosas, é o caso das atrizes, eram inaceitáveis na época. Uma mulher que se submetesse a tal atividade mesmo como meio de subsistência era uma mulher sem pudor, indigna de constituir família e merecer o respeito da sociedade. Até o vocabulário referente a esse ofício era posto em evidência, segundo Perrot:

O vocabulário é significativo: uma atriz é uma simuladora, uma mulher de histórias, e a dançarina representa luxo, o supérfluo que um homem rico pode oferecer a si mesmo. (PERROT, 2008, p. 128)

No século XIX ficou clara a divisão das tarefas por sexo, deixando claro que o lugar das mulheres é a maternidade e a casa que a cercam por completo, sua participação no trabalho assalariado foi temporária, incentivada principalmente pelas necessidades familiares em troca de salários duvidosos e tarefas tidas como não

qualificadas. Um texto de 1867 deixa claro o posicionamento dos sexos na época “Ao homem madeira e metais; à mulher a família e os tecidos”. Esse pensamento nos leva a concluir que há uma lista limitada do trabalho de mulheres, proporcionando alguns arquétipos sobre a figura feminina:

É grande o risco de encerrar uma vez mais as mulheres na imobilidade dos usos e costumes, estruturando o cotidiano na fatalidade dos papéis e na fixidez dos espaços. [...] No entanto, o que importa reencontrar são as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente com autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história (PERROT, 1988, p. 187).

Com muita dedicação, força de vontade e determinação, a mulher foi conquistando seu espaço ao longo do tempo. É possível percebermos através dos relatos históricos a considerável evolução a que estas se submeteram sempre impulsionadas pelo desejo de igualdade entre homens e mulheres.

### 3. PARTICULARIDADES DA LITERATURA NEGRA

A literatura negra possui traços peculiares que a caracterizam, principalmente por se referir à classe minoritária, sendo também o caso da mulher negra. Assim, este tipo de literatura procura na experiência da negrura a força necessária para fazer da linguagem literária o elemento de sua expressão. Nesta perspectiva a literatura negra ocupa o papel fundamental para a desconstrução de estereótipos preconceituosos, que priorizam o lado negativo e submisso dos negros, deixando de exaltar a importância da sua mão-de-obra para a economia do país e a sua coragem de dizer “sou negro com muito orgulho”, mesmo quando esta rebeldia resulte em consequências desumanas. A respeito da importância desta literatura Bernd assegura:

Isto legitimaria uma escritura negra, vale dizer, uma literatura que se propõe a desconstruir o mundo nomeado pelo branco e erigir a sua própria cosmogonia. Seria, em suma, uma literatura disposta a romper um contrato de fala vigente e a buscar uma dicção nova dentro do contexto literário (BERND, 1997, p. 18).

Tanto descaso com a cultura dos povos negros proporcionou uma crise de identidade, pois a ótica dos brancos estava invadindo o “eu” dos negros. Desta forma, a visão do dominador precisaria ser desmistificada e só surtiria efeito se tal passo fosse tomado pelos próprios negros. Desde então a literatura negra busca ressaltar os valores deste povo. Vejamos as palavras de Bernd:

Um verdadeiro modo de ser negro, logo, uma real identidade negra, se construirá na medida em que os negros conseguirem curar-se de sua amnésia cultural e tomarem rédeas de seu destino histórico. Este seria o passo adiante através do qual o negro, deserdado recuperaria a sua “essência de homem”, passando a produzir os meios de sua própria História (BERND, 1997, p.42).

#### 3.1 MOVIMENTO DE MULHERES NEGRAS: UMA QUESTÃO REVOLUCIONÁRIA

Já em meados do século XIX e início do século XX, o Movimento Feminista se voltava a reivindicações de igualdade de direitos sociais como, por exemplo, o voto, o trabalho fora da esfera doméstica e direito ao estudo. Sendo assim, o termo “Movimento de Mulheres” toma fôlego no âmbito das lutas feministas e seu público abrange grupos de diferentes concepções, entre eles o das mulheres negras (Black Feminism).

Inicialmente os movimentos feministas nos EUA divulgavam a ideia de igualdade entre as mulheres norte-americanas, pregavam que estas tinham as mesmas reivindicações, mas isso não se configurou como verdade absoluta, resultando mais tarde em diversas divisões entre as mulheres que faziam parte do movimento feminista da época. Ao longo do tempo surgiram alguns termos caracterizadores de grupos feministas específicos como o termo *African Womanism* que caracteriza a escrita de mulheres negras e levanta alguns pontos discursivos sobre a estética da escrita de mulheres negras, tais como: o que faz de uma escrita ser feminista? Quais as características de uma *womanist*? Por que a mulher negra tem lutado contra a sua vitimização perante a sociedade?

A escrita das mulheres afro-americanas assume uma postura reflexiva, muitas vezes misturada a processos simbólicos que lhe concedem a voz que na maioria das vezes lhes era roubada, passando a ter várias vozes. É como se ela estivesse falando de várias coisas ao mesmo tempo. Através dessa fala ela pode denunciar, reivindicar, criticar, elogiar, criar e se assumir como sujeito social indispensável para as inter-relações culturais existentes socialmente. Entretanto, esse passo inicial se configurou em um cenário de constantes repressões, como podemos ver nas palavras de Valerie Smith:

In reaction to critical acts of omission and condescension, the earliest practitioners identified ways in which white male, Anglo-American Feminist, and male Afro-Americanist scholars and reviewers had ignored and condescended to the work of black women and undertook editorial projects to recover their writings (SMITH, 1989, p. 370 . apud NAPIER, 2000).

Os discursos das feministas negras eram muito criticados não só pelos brancos, mas também pelos homens negros, uma vez que a literatura escrita pelas afro-americanas também era uma literatura reveladora dos seus abusos contra as mulheres de sua própria etnia. As críticas direcionadas às mulheres negras baseavam-se nos relatos de experiências vividas por elas com relação ao gênero, à classe social e à raça. Vejamos o que diz Smith a respeito:

Black feminist literacy theory proceeds from the assumption that Black women experience a unique form of oppression in discursive and nondiscursive practices alike because they are victims at once of sexism, racism, and by extension classism (SMITH, 1989, p.375 apud NAPIER, 2000).

Mas as questões raciais e de gênero foram determinantes para revelar não só as opressões destinadas às feministas negras, como também para posteriormente conceder-lhes liberdade, mesmo que remota, em relação à fala.

Os textos escritos por essas mulheres eram de certa forma uma volta ao tempo, muitas vezes, à infância, já que na maioria das vezes o conteúdo desses textos eram relatos de suas experiências. Sendo assim, elas usavam a literatura como subsídio para denunciar e revelar os maus-tratos, os preconceitos e a submissão a que foram condenadas as suas antepassadas, como suas avós, tias, e até mesmo as suas próprias mães. É notório que o movimento de mulheres foi de suma importância para dissociar a mulher da condição de sexo frágil. Entretanto, é ainda mais perceptível que o movimento de mulheres negras foi um marco na história dessas mulheres, pois não só as libertou dessas rotulações, mas também as elevou à condição de ser humano. É inadmissível que uma mulher seja cônjuge de um homem e não tenha a liberdade de chamá-lo pelo seu nome, mas seja obrigada a chamá-lo de senhor, a servi-lo como se fosse sua criada e não sua companheira, mas era essa a realidade vivida por muitas mulheres negras da época que tiveram no feminismo negro a fonte de inspiração para que começassem a se impor como sujeito pensante e indispensável para a sociedade.

As mulheres negras brasileiras, mesmo não se rendendo à opressão do racismo, também são vítimas dele pela história de seus ancestrais, como já mencionamos no primeiro capítulo. Por essa razão elas são vinculadas a um perfil moral depreciativo, como podemos observar abaixo:

Um exemplo gritante de preconceito contra os descendentes de negros é o comportamento dos brasileiros com relação às “mulatas – produto de exportação”. Para grande parte dos brasileiros, as mulatas só são boas de samba e... cama (mais uma herança do passado escravocrata?). As mulatas vivem recebendo “cantadas”, desde as mais gentis às mais grosseiras. Algumas se sentem lisonjeadas, outras acham isso um desrespeito (VALENTE, 1987, p. 36).

A realidade do grupo feminino afro-descendente é mais complexa do que imaginamos, porque os seus problemas estruturam-se numa proporção multiplicativa envolvendo os pilares do equilíbrio da personalidade. Sujeitas a esses constrangimentos,

As mulheres negras e as mulatas, em geral, sofrem de tripla discriminação: sexual, social e racial. Portanto tudo o que se coloca como problemático para a população negra atinge especialmente as mulheres. Discriminadas fora e dentro do grupo negro... O machismo é uma doença que atinge todos os homens independentemente de cor (VALENTE, 1987, p. 36).

O exemplo a seguir, igualmente constrangedor, ressalta mais uma vez o ataque veloz à integridade da mulher negra, dessa vez pelos telespectadores. Sabemos que os meios de comunicação, sendo formadores de opinião, influenciam na opinião popular. Isso significa que quebrar paradigmas fortemente concretizados requer muita estratégia. Notemos o impacto da apresentação televisiva do envolvimento de uma negra com um branco, mesmo sendo na ficção:

Quando foi ao ar uma novela em que a Zezé Mota namorava Marcos Paulo (um ator branco), o número de cartas enviadas aos jornais sugerindo, entre outras coisas, que ele lavasse a boca com “cândida” (água sanitária) cada vez que a beijasse foi imenso (VALENTE, 1987, p. 30).

As concepções sociais são transgressoras, podendo ser benéficas ou não para determinados grupos. O curioso é que as classes marginalizadas dificilmente são favorecidas. Por exemplo, no período da escravidão as negras se envolviam com vários negros, naturalmente devido à sua função procriadora. Atualmente esse comportamento lhes atribui um caráter leviano ou as rotula como meras prostitutas.

#### 4. O GÊNERO CONFSSIONAL

Este gênero literário caracteriza-se pelo tom testemunhal, através de registros autobiográficos, possuindo a estrutura de uma narrativa em que, por meio dos relatos, torna possível que as ações sejam transmitidas no momento em que acontecem. As duas obras abordadas neste trabalho caracterizam-se como escrita confessional, pois tal gênero permite que as personagens possam narrar para o leitor a sua trajetória de vida. Elas nos transmitem todos os acontecimentos relatando-os em cartas, diários, bilhetes, etc. O romance *A Cor Púrpura* caracteriza-se pelo estilo epistolar, ou seja, é uma coleção de cartas caracterizadas pela ficcionalização declarada. Sobre esse tipo de romance Ivanilda Barbosa fala:

O romance epistolar se insere entre as formas do gênero que fundamentam seus efeitos de verdade na escritura íntima. Apropriando-se de uma correspondência privada, o autor do romance epistolar não apenas oferece ao público uma escrita particular e que se apresenta como não-fictícia. Ele também se posiciona como alguém que violou uma correspondência e, no momento presente, partilha com o leitor essa correspondência que poderia se assim o quisesse conservar como matéria de leitura íntima. Partilhando-a, ele institui o seu público leitor como cúmplice da violação do espaço privado da escrita. A violação a torna legítima e suficiente para justificar a importância dela para si mesmo e para o público (BARBOSA, 2000, pp.11-21).

Esse tipo de gênero se estrutura na obra como um relato dos fatos da vida da personagem Celie, é um registro confessional dessa personagem, registro esse que contribui para a construção de sua personalidade e de sua identidade como ser humano. A linguagem empregada é diferenciada, pois não usa a norma culta e sim uma escrita rústica e simplória, repleta de erros gramaticais e regionalismo, extremamente próxima da fala utilizada na região mais agrária dos Estados Unidos. Ao transformar a oralidade em escrita epistolar, Celie aproxima a modalidade escrita da modalidade falada, o que garante a sua identidade. Vejamos o que diz Silviano Santiago sobre isto:

Na prosa de ficção, o narrador e/ou os personagens recebem de presente do autor as palavras fingidas (de que fala Fernando Pessoa em 'Autopsicografia'). São elas que tomam conta do palco do livro e roubam as luzes do espetáculo. No poema, o sujeito lírico ou dramático arrebatado a fala do sujeito empírico e é mestre dos sentimentos enunciados em confidência. Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro. Ao

querer instigar e provocar o outro, à espera de reação, de preferência uma resposta, o missivista retroage primeiro sobre si mesmo, porque o chute inicial da correspondência pressupõe o exercício de certo egoísmo abnegado, se me for permitido o paradoxo. Antes de tudo, o missivista procura um correspondente que possa causar efeito benéfico. A carta resposta tem a aparência de tônico, calmante ou vermífugo (SANTIAGO, 2002, apud VALENTIM, 2006, s/p).

Inicialmente Celie escreve para Deus, depois ela passa a escrever para a sua irmã Nettie. Estas correspondências nunca são postadas. Vejamos as citações abaixo:

Querido Deus,

Agora que eu sei que a Nettie ta viva eu começo a levantar um pouco a minha cabeça. Eu penso, Quando ela voltar pra casa a gente vai embora. Ela e eu e nossas duas criança. Como será que ela é, eu fico pensando. Mas é difícil pensar nelas. Eu sinto vergonha. Mais que amor, pra falar a verdade. De qualquer jeito, será elas ta bem? Será que tem juízo e tudo? A Doci diz que criança que nasce de incesto fica boba. Incesto é uma parte do plano do Diabo.

Mas eu penso na Nettie.

Aqui é quente, Celie, ela escreve. Mais quente que em julho. Mais quente que agosto e julho. Quente como cuzinhar num fogão enorme numa cozinha pequena em agosto e julho. Quente (WALKER, 1982, p. 136).

Querida Nettie,

Eu num escrevo mais pra Deus, eu escrevo pra você.

O que aconteceu com Deus? - a Doci pergunta.

Quem é ele?, Eu digo.

Ela olha pra mim séria.

Diaba assim como você é, eu digo, cum certeza num deve ta preocupada cum Deus.

Ela diz, Um minutinho, por favor. Espere só um minuto aí. Só porque eu num fico pregando feito umas pessoa que a gente cunhece pur aí num quer dizer queu num tenho religião.

O que Deus fez pur mim?, eu pergunto.

Ela diz Celie! Como se tivesse ficado horrorizada. Ele deu a vida pra você, uma boa saúde, e uma boa mulher que ama você até a morte (WALKER, 1982, p. 174).

O tom confessional fica claro para nós leitores, uma vez que, por meio das cartas as ações nos são transmitidas no mesmo momento em que são praticadas, através do narrador que as escreve.

Nesse tipo de texto o narrador – personagem que escreve as cartas passa a assumir uma postura autodiegética onde ele narra o que vive, sente e pensa. De acordo com Valentim (2006),

Qualquer que seja a correspondência, ficcional ou não, pressupomos um diálogo. Ao receber a carta, o destinatário deverá respondê-la, dando continuidade a um processo comunicativo que fora iniciado. Estas conversas que, no conjunto, [...] transforma-se numa lição de cultura e de política, testemunham a história da amizade – ou – afinidades – entre dois (ou mais) correspondentes e podem relatar vários assuntos, como, por exemplo, as saudades de uma pátria distante, geográfica ou ideologicamente (VALENTIM, 2006, s/p).

É o que acontece com Celie, ela encontra na escrita epistolar um refúgio para comunicar-se com sua irmã e esta uma forma de externar a saudade de sua pátria. Outro tipo de gênero confessional é o monólogo, onde as personagens relatam e registram tudo o que designam ser de importância para o desenrolar da obra. Isso ocorre no romance *Preciosa*, onde a personagem principal, Preciosa, relata a sua rotina através de um diário. O livro é em grande parte um diário dessa moradora do Harlem em Nova York. Sobre a escrita em diários vejamos as palavras de Barbosa.

Uma carta, assim como um diário íntimo, é a afirmação do espaço privado da escrita. Nela cabem, por isso, a sinceridade, a confissão, o sigilo, a autenticidade, uma vez que seu signatário não tem a intenção de que sua escrita venha a público. Além do caráter privado, essa escrita, datada e assinada pelo autor, adquire valor de documento. Ao apropriar-se da escritura íntima, o autor do texto literário procura imprimir verossimilhança à sua narrativa e por meio desse recurso conferir maior credibilidade à escritura romanesca, pois o autor-narrador é aquele que está de posse de documentos, que os leu ou deles tomou conhecimento e os oferece ao leitor na presente enunciação (BARBOSA, 2000, pp. 11-21).

Assim como Celie, Preciosa também reproduz a sua fala cheia de erros para a escrita. Vejamos:

Cara Querida Srta. Rain, Os ano tod eu sta na sl nuc apeni(Os anos todo eu sentava na sala e nunca aprendia) mas tv neem de Nov Neem me pai (mas tive neném de novo, o Neném é do meu pai) eu cera te namo\_\_\_\_\_ mai não (Eu queria ter um namorado mas não tenho) cera te decup fudi um gaot ce nem (queria ter, desculpe, fodido com um garoto que nem) ot gaota ai eu axa ceto t d laga escola(outras garotas aí eu achava certo ter de lagar a escola) eu mo neem abcdefghijklmnopqrstuvwxyz (eu amo o neném) (SAPPHIRE, 2010, p. 83).

Como vimos, o tom testemunhal das narrativas de Celie e Preciosa evidenciam a sua escrita confessional. Partindo do pressuposto de que as duas

personagens eram semi-analfabetas, percebemos que esse gênero proporcionou a ambas a oportunidade de expor seus pensamentos e as ajudou a explorar a sua identidade individual, cada uma à sua maneira.

## 5. MULHER NEGRA, O LETRAMENTO E AS RELAÇÕES DE PODER

Saber se comunicar através de sinais gráficos foi uma das maiores conquistas para a mulher negra. Através do letramento ela conseguiu ser enxergada como sujeito pensante e consciente, responsável pelo sentido dos enunciados produzidos pela mesma. A leitura e a escrita sempre foram objetos de desejo da mulher negra, era essencial mostrar-se como sujeito psicológico diante de uma sociedade opressora, racista e machista. A interação com o meio em que vive sempre foi um obstáculo para a mulher negra. A fala quase sempre lhe era negada, a maioria das vezes quando podia utilizá-la era para responder às perguntas daqueles que se impuseram como seus superiores, principalmente o marido, como era o caso de Celie, protagonista de *A Cor Púrpura*, que nunca podia dialogar com o homem com o qual foi casada durante trinta anos e só podia chamá-lo de “senhor”, como representação da sua condição de mulher submissa.

Dessa forma, percebemos também o papel que o letramento tem para elevar a autoestima desse grupo social, já que a partir do momento em que a pessoa aprende a ler e a escrever torna-se um ser crítico e idealizador, uma vez que o letramento não é apenas a condição de saber ler e escrever, mas de exercer as práticas sociais da leitura e da escrita que circulam socialmente, relacionando-as com as práticas sociais de interação oral. De acordo com Marcos Bagno:

De nada adianta ensinar uma pessoa a usar o garfo e a faca se ela jamais tiver comido em seu prato para aplicar essas habilidades. De nada adianta, também, ensinar alguém a ler e a escrever sem lhe oferecer ocasiões para o uso efetivo, eficiente, criativo e produtivo dessas habilidades de leitura e de escrita (BAGNO, 2002, p. 52).

É preciso muito mais que saber ler e escrever, é preciso elevar a mulher negra à condição de sujeito da linguagem. Sobre a diferença entre *língua* e *linguagem* Koch argumenta:

A concepção de língua como representação de pensamento corresponde a de sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações. Trata-se de um sujeito visto como um ego que constrói uma representação mental e desejada que esta seja “captada” pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada (KOCH, 2006, pp. 13-14).

Em *A Cor Púrpura*, percebemos que a ausência do ambiente escolar na vida de Celie agravou ainda mais o seu grau de inferioridade, pois essa minimização enquanto pessoa no seu cotidiano, pautado pela servidão ao esposo, vai além do olhar de terceiros. Sem o privilégio da escolarização institucional, o letramento surge para a sua salvação pessoal, pois o analfabetismo afeta o desenvolvimento da independência de qualquer indivíduo, inclusive porque a condição de leiga invariavelmente fere a autoestima. A ausência desse processo evolutivo que deveria compor o histórico da sua vida enquanto cidadã interfere diretamente na aprendizagem proporcionada pela sua atuação civil na sociedade, fazendo-a refém da submissão de gênero, antes mesmo que da de raça.

Sob esse ponto de vista os benefícios presentes na escola fazem falta na formação de uma personalidade forte, pronta para desvendar os caminhos da autoestima. Vejamos o pensamento de Marcos Masetto sobre a necessidade da escola na vivência social:

A escola surge teoricamente como fruto da necessidade de se preservar e reproduzir a cultura e os conhecimentos da humanidade, crenças, valores e conquistas sociais, concepções de vida e de mundo, de grupos ou de classes. Ela permaneceu e se modernizou à medida que foi capaz de se tornar instrumento poderoso na produção de novos valores e crenças, na difusão e socialização de conquistas sociais, econômicas e culturais desses grupos ou classes (MASETTO, 1997, p. 21).

De acordo com as palavras acima, observamos a suma importância da escola, em especial pela sua função transformadora, sendo então um espaço propício ao nascimento de ideias libertadoras e não regressivas. Enumerando as vantagens da escolaridade, o autor comenta:

Pode-se descrever a escola como lugar de encontro e de convivência entre educadores e educandos. Um grupo que se reúne e trabalha para que ocorram condições favoráveis ao desenvolvimento em diferentes áreas: cognitiva, afetivo-emocional, motora, social e profissional (MASETTO, 1997, p. 21).

Nessa linha de pensamento, constatamos que o processo de letramento possibilitou a recuperação da autoestima das duas mulheres negras em *A Cor Púrpura* e *Preciosa*, personagens que terão este aspecto minuciosamente analisado no próximo capítulo, em que daremos ênfase à repercussão e às consequências do letramento nas vidas de Preciosa e Celie, respectivamente.

A falta de autoestima tem suas raízes no legado escravocrata, continuando a perseguir os negros desde o seu agrilhoamento e em muitos casos retirando-lhes da face o sorriso espontâneo, como se a cor da sua pele fosse um castigo ou algo que os condenasse a exclusão. Vejamos o que diz Semog a respeito dessa herança histórica que atua negativamente na vida dos afro-descendentes:

A raiz está num passado de escravidão, quando milhares de homens e mulheres foram arrancadas de sua terra, trazidos à força, ameaçados e torturados. O massacre emocional e mental que o afro-brasileiro sofreu e ainda sofre é intenso. As mensagens de inferioridade que vivência no dia-a-dia fazem com que ele, sem perceber, as assuma como verdadeiras (SEMOG et alii, 1999, p.19).

O segredo para encontrar a autoestima não se encontra em livros de receitas, pois depende de cada um de nós nos sentirmos bem. Também não é nada de outro mundo, é mais simples do que se pode imaginar. A fórmula mágica resume-se em três palavras: “eu me amo”.

O problema de autoestima não se limita à etnia. No entanto, muitos negros sofrem desse mal, porque infelizmente muitas pessoas ainda não respeitam a diversidade racial e cultural dos povos. É primordial que a raça negra apague de vez o espírito de inferioridade que ele próprio cultiva dentro do seu íntimo. Com isso não queremos dizer que a história dos seus antepassados tem que ser esquecida, pelo contrário, é neste passado que se instala a fonte de autoestima desse povo batalhador. Olhar com a visão de cidadão para esse passado é poder refletir e tirar as conclusões que façam os negros se orgulharem do seu povo. Só assim mostrarão que o pensamento dos que os dominaram também era desafiado. Essa dominação que tanto buscam deixar transparecer também encontrou empecilho nos resistentes, o que prova que os negros são merecedores dos seus direitos pelo seu próprio mérito, pois desafiar os desprotegidos é fácil, mas enfrentar os poderosos é um passo dado apenas por grandes personalidades.

Quanto à solução do problema da falta de autoestima dos afro-descendentes o autor Semog observa:

É um processo longo, mas que pode começar se o negro desconfiar de tudo o que ouve a respeito da sua raça e não se deixar dominar por falsas mensagens, verbais ou não, que o façam sentir-se inferior. É preciso

lembrar a frase do escritor americano James Baldwin: “Nem tudo o que se enfrenta pode ser modificado, mas nada pode ser modificado se não for enfrentado” (SEMOG et alii, 1999, p.19).

Todo o receio em denominar o indivíduo como negro é proveniente do mau hábito de se negar qualidades à sua raça. Pregou-se um perfil negativo dos negros por tanto tempo que muitas vezes as pessoas ficam constrangidas em chamar o outro de negro e serem mal interpretadas. A autoestima dos afro-descendentes merece atenção especial logo na infância, uma vez que uma criança que não se aceita por ter a pele negra, mais escura que a dos outros coleguinhas pode ser no futuro um adulto frustrado se não tiver um tratamento adequado. Essa rejeição é notável a partir de fatos simples, como nas brincadeiras entre as crianças, onde muitas vezes vemos as demais dizerem frases do tipo: “Ele é feio por que é preto”. “Sai, não quero brincar com você seu negro”. Geralmente essas frases são ditas para magoar o colega que inocentemente passa a rejeitar sua raça ou tornar-se agressivo. No exemplo citado o verbete negro está empregado pejorativamente. É triste ver que exemplos do tipo destes que citamos são bem reais.

A criança é pequena demais para saber entender o sentido real desse preconceito. A única coisa que ela quer é não ser alvo de piadas e maus - tratos, uma vez que nada fez para receber essa indiferença. Mas com o passar do tempo a sociedade vai espalhando o orgulho racial e é então que todos os que rodeiam essa criança são obrigados a revelar para ela o orgulho que ela deve sentir por ser negra.

Para elevar a autoestima da criança que rejeita sua etnia Conceição Evaristo expõe a seguinte proposta:

Não se iniba. Mostre a essa criança afro-descendente nas mais diversas atividades profissionais e papéis sociais, para que ela perceba as muitas possibilidades. Conte histórias que revelem a beleza do negro. Ensine-a valorizar os traços étnicos de seu corpo. Ame de verdade essa criança (EVARISTO et alii, 1999, p.30).

Vale ressaltar que as crianças que tratam os negros com desprezo também precisam de orientação ou serão responsáveis por uma nação racista, e não adiantará quase nada conscientizar a vítima enquanto o agressor fica sem repreensão. Quando mencionamos a repreensão às crianças brancas nos referimos que desde cedo é imprescindível encaminhar essa nova geração pela estrada do

respeito e reciprocamente valorizar a diversidade cultural que envolve a sociedade. Só desta maneira evitaremos a discriminação racial.

Vejamos mais uma vez o que diz Evaristo a esse respeito:

A educação de qualquer criança deve estar pautada pelo respeito ao outro e a si mesma. Ou seja, se for branca, não deve sentir-se superior por isso. Deve, sim, perceber a qualidade das demais pessoas, cada qual com suas particularidades. As crianças devem entender as pessoas negras e a palavra “negro” não como uma coisa feia ou depreciativa (senão o negro vira moreninho, pretinho, “de cor”, devido ao receio de nomear o outro como negro) (EVARISTO et alli, 1999, p. 31).

Podemos perceber o efeito discriminatório em relação à cor da pele por meio de observações simples. Talvez você já tenha se indagado sobre o porquê da baixa presença de apresentadoras e atrizes negras ocupando o papel principal nas novelas. Essa evidência denuncia a expansão do preconceito que a mídia lança todos os dias nos lares das famílias, sejam negras ou brancas. O perfil é revelado de maneira uniforme, porém os receptores capturam a mesma mensagem de maneira bem distinta. O primeiro choque psicológico surge a partir do enunciado inibidor, formado apenas pelas duas palavras “boa aparência”. É interessante como o termo “boa” sofre uma mutação significativa, ou seja, ela é responsável pelo estado emocional desfavorável à confiança necessária para a mulher negra perceber que os seus cabelos pouco maleáveis só serão um empecilho se assim ela permitir, visto que os seus atributos físicos não devem comandá-la, pois essa aparência sensual e exótica deverá ser usada juntamente com a sua capacidade profissional e a sua autoestima. Assim como os demais profissionais, a mulher afro-descendente terá que buscar se superar dos demais candidatos valendo-se de muitos conhecimentos. Podemos até afirmar que a mesma tem por obrigação demonstrar o dobro de intelectualidade, uma vez que, a sua negrura na maioria das ocasiões é vista pelos empregadores como um adicional negativo.

## 6. WALKER E SAPPHIRE: CONVERGÊNCIAS

As duas escritoras aqui abordadas são poetisas e romancistas, ambas lutaram e lutam pelo direito de igualdade entre os povos e defendem principalmente o direito dos negros. Em sua juventude Alice Walker atuou como ativista social, nas lutas pela igualdade de direitos entre brancos e negros, e como feminista negra. Sapphire, cujo nome de batismo é Romana Lofton é militante de grupos negros e homossexuais. *A Cor Púrpura* foi o primeiro sucesso internacional de Walker, chegando a ser traduzido para o cinema. *Preciosa* foi o primeiro e até agora único romance de Sapphire, mas que também ganhou repercussão internacional e foi traduzido para o cinema.

Ambas as obras caracterizam-se pelo tom confessional, onde os registros dos fatos são feitos pelas personagens. As duas personagens principais dos romances são pobres, negras, sofrem preconceito por causa das suas aparências físicas e são abusadas sexualmente pelo pai, ambas engravidam duas vezes em consequência desses abusos, as duas têm um filho e uma filha e são obrigadas a se separar dos filhos.

A linguagem empregada nessas obras é extremamente semelhante, uma linguagem tipicamente rústica e com muitos erros ortográficos decorrentes do analfabetismo das personagens, até certo ponto das obras. Na verdade elas são idênticas quanto à oralidade das personagens, o que torna esses romances bastante convergentes. Finalmente, poderíamos dizer que essas escritoras dão voz ao subalterno e nos revelam a mulher como fala roubada, a mulher oprimida que precisa enfrentar uma batalha contra todos do seu “mundo”, principalmente contra o machismo e a submissão à classe masculina, para posteriormente nos revelar a mulher que fala, que argumenta, que reivindica e que é capaz de mudar o seu destino. As gravidezes de Celie e Preciosa obrigam-nas a se afastar do processo de letramento oferecido pela escola, já que o sistema educacional estadunidense não aceitava que adolescentes de 12 e 14 anos de idade (como no caso de Preciosa e Celie, respectivamente) engravidassem e permanecessem na sala de aula junto dos outros adolescentes “normais”. Dessa forma Celie passa a receber o letramento através de sua irmã Nettie, que faz de tudo para alfabetizá-la e Preciosa é

encaminhada para uma escola especial, destinada a alunos problemáticos, é lá onde ela aprende a ler e escrever e muda o rumo da sua história.

Como podemos perceber Walker e Sapphire têm muito em comum, trabalham com a mesma temática, lutam por causas semelhantes e presenciaram basicamente as mesmas atrocidades na vida real, fatos que lhes serviram como fonte de inspiração para as suas publicações.

## 7. CELIE E PRECIOSA: LEITURA, LETRAMENTO E LIBERDADE

A personagem Celie, do romance *A Cor Púrpura*, é uma adolescente negra, pobre, órfã de mãe e abusada sexualmente aos 14 anos de idade por seu padrasto, com o qual teve seus dois filhos. Como se não bastasse esse quadro lamentável, não teve acesso ao processo de letramento proporcionado naturalmente pela escola a qualquer criança e/ou jovem de sua faixa etária. Essa situação foi decisiva para que a mesma tivesse uma vida obscura, para que ela vivesse amedrontada e envergonhada de si mesma por muitos anos de sua vida.

Obrigada a se casar com um desconhecido que tinha a idade de seu pai e pior, que estava interessado na sua irmã mais nova Nettie, ela se sacrificou para que sua irmã pudesse ter o destino com o qual ela tanto sonhara, o de frequentar a escola, aprender a ler e escrever, ser uma pessoa respeitada e considerada pelos que faziam parte da sua rotina:

Vou falar pra Nettie ficar com os livro dela. É preciso mais que juízo pra cuidar de criança que num é nem da gente. E veja o que aconteceu cum a mãe (WALKER, 1982, p. 14).

Mas mesmo assim ela foi punida por um desejo que nem chegara a se concretizar, o desejo de ser letrada para posteriormente ter uma profissão que fosse fora da esfera doméstica. Vejamos as palavras do seu padrasto ao oferecê-la ao desconhecido no lugar de Nettie:

Eu num posso deixar o senhor levar a Nettie. Ela é nova demais. Num sabe de nada, só o que a gente fala pra ela. Depois, eu quero que ela fique mais na escola. Quero fazer dela uma professora. Mas eu posso deixar o senhor levar a Celie. Ela é mais velha mesmo. Ela precisa casar primeiro. Ela também num é mocinha, eu acho que o senhor sabe disso. Ela já foi manchada. Duas vez (WALKER, 1982, p. 17).

É incrível como a condição social de uma pessoa pode mudar todo o seu futuro simplesmente porque ninguém está interessado em saber qual é a sua opinião a respeito de suas próprias escolhas. Celie era uma adolescente frustrada, tinha medo de se pronunciar, muito menos de questionar ou discordar de algo que os outros decidissem para sua vida.

Da primeira vez que fiquei de barriga, o pai me tirou da escola. Ele nunca quer saber se eu gosto de lá ou não. Nettie ficou lá no portão sigurando apertado na minha mão. Eu tava toda vistida pro primeiro

dia. Você é muito boba pra continuar indo pra escola, o pai diz. Nettie é a inteligente desta casa (WALKER, 1982, p. 19).

Mas Celie sabia a importância que tinha a escrita e a leitura para a sua vida, sabia que conhecendo um pouco de História ela poderia talvez mudar a sua própria história e era por isso que ela preferia se sacrificar no lugar de sua irmã, com a esperança de que esta tivesse acesso aos “livros”, como ela mesma costumava falar, fosse uma pessoa letrada e livre para decidir e fazer suas escolhas:

Nós duas, a gente dava duro nos livro da escola da Nettie, porque a gente sabia que tinha que ser esperta pra poder fugir. Eu sei que eu num sou nem tão bunita nem tão esperta quanto a Nettie, mas ela diz que eu num sou boba.

O jeito pra você saber quem descobriu a América, diz Nettie, é pensar nos Colombo. É parecido com Colombo. Eu aprendi tudo sobre Colombo no primeiro grau, mas parece que foi a primeira coisa que eu esqueci. Ela diz que Colombo veio aqui no barco com nome de Niña, Pinta e Santamaría. Os índio foram ótimo pra ele e ele levou um monte deles à força de volta com ele pra servir a rainha (WALKER, 1982, p. 19).

A maternidade para muitas mulheres é motivo de orgulho, mas não para Celie, que quando ainda era uma criança foi vítima de abuso sexual, como mencionado anteriormente, culminando em duas gestações totalmente inaceitáveis, o que acabou interrompendo seu ciclo natural de vida, contribuindo ainda mais para a sua exclusão escolar:

Quando eu percebi a Miss Beasley tava na nossa casa pra tentar conversar com o pai. Ela diz que desde que ela era professora ela nunca tinha visto ninguém querer tanto aprender como a Nettie e eu. Mas quando o pai me chama e ela vê como meu vestido tá apertado, ela pára de falar e vai embora (WALKER, 1982, p. 20).

Nettie reconhece todo o sacrifício e esforço de Celie para tentar proporcionar-lhe uma vida melhor e a realização de seus objetivos, o que seria uma forma de se realizar ao mesmo tempo. Demonstrando todo o seu carinho e amor por Celie, a irmã mais nova ajuda-a com os afazeres domésticos e tenta fazê-la estudar também, mesmo que clandestinamente.

Ela fica sentada lá comigo discascando ervilha ou ajudando as criança no ditado. Me ajudando no ditado e em tudo o mais que ela acha que eu preciso saber. Num importa o que acontece, a Nettie pelega pra me ensinar o que tá acontecendo no mundo. E ela é boa professora também. Eu quase morro quando penso que ela pode casar com alguém como Sinhô ou acabar se matando na cozinha de uma madame branca. Todo dia ela lê, ela estuda, ela pratica caligrafia, e tenta fazer a gente pensar. Na maioria dos dia eu to muito cansada pra pensar. Mas paciência é o outro nome dela (WALKER, 1982, p. 25).

Mais uma vez o destino tenta tirar a alegria que Celie tem para continuar sobrevivendo, a sua querida irmã Nettie. O homem com quem ela casara o qual chamava de “Sinhô”, não aceitou mais a presença de Nettie em sua casa, obrigando-a a deixá-los à força e a perambular pelas ruas da cidade em busca de uma alma solidária que quisesse ajudá-la. Isto partiu o coração de Celie. A única oportunidade que ela via para continuar se comunicando com a sua irmã seria através de cartas, era hora de colocar em prática os poucos ensinamentos sobre escrita e leitura que tinha dado tempo sua irmã lhe ensinar.

Mas eu só digo, Num importa, enquanto eu puder escrever D-e-u-s, eu tenho alguma coisa. [...] Eu digo, Escreve.

Ela diz, O quê?

Eu digo, Escreve.

Ela diz, Só a morte pode me impedir de fazer isso.

Ela nunca escreve (WALKER, 1982, p. 26).

Durante longos e dolorosos anos Celie esperou por notícias de sua irmã, até que descobriu que o seu marido Albert, o “sinhô”, escondera suas cartas durante todo aquele tempo. Enquanto isso ela falava fascinada para sua amiga Doci Avery o quanto sua irmã era inteligente e estudada.

Como era sua irmã Nettie?, ela pergunta, isperta? Sim, nossa, eu digo. Isperta como ninguém. Lia os jornal quando mal conseguia falar. Fazia desenho como se fosse nada. Falava muito direitinho também. E era meiga (WALKER, 1982, p. 111).

Mas mesmo que uma pessoa receba o título de inteligente, é importante que a formação dessa pessoa seja sempre continuada, pois por mais que tentemos é impossível achar que sabemos o suficiente, sempre podemos aprender um pouco mais, como podemos observar na citação abaixo em uma das cartas enviadas a Celie por sua irmã.

Na manhã seguinte eu comecei a fazer perguntas sobre a África e a ler todos os livros do Samuel e da Corine sobre o assunto. [...] Pois eu li e li até que eu achei que meus olhos iam cair. Eu li que os africanos nos venderam porque gostavam mais do dinheiro do que dos próprios irmãos e irmãs. Como viemos para a América em navios. Como fomos obrigados a trabalhar.

Eu nunca tinha percebido o tanto que eu era ignorante, Celie. O pouco que eu sabia sobre mim mesma não teria dado nem pra encher um dedal! E imagine que Miss Beaslev sempre dizia que eu era a criança mais

inteligente que ela já tinha ensinado! Mas eu agradeço a ela por uma coisa em particular que ela me ensinou, me mostrando como aprender por mim mesma, lendo e estudando e escrevendo claramente. E por ter mantido dentro de mim de alguma forma vivo o desejo de saber (WALKER, 1982, pp. 121-122).

Uma das coisas mais importantes para uma pessoa letrada é não deixar todo o seu conhecimento estagnado, sem aplicação alguma, é importantíssimo tentar transmitir ao próximo o pouco que sabemos.

Então quando o Samuel e a Corrine me perguntaram se eu iria com eles ajudá-los a montar uma escola no meio da África, eu disse que sim. Mas só se eles me ensinassem tudo o que sabiam para que eu fosse útil como missionária e para que eles não tivessem vergonha de me ter como amiga. Eles concordaram com esta condição, e a minha verdadeira educação começou aí. Eles têm sido ótimos comigo e também cumpriram com sua palavra. E eu estudo todo dia e noite (WALKER, 1982, p. 122).

O letramento é capaz não só de educar uma pessoa, mas a sua aprendizagem pode dentre outras coisas, elevar também a autoestima do aprendiz, que passa a se ver como uma pessoa útil, capaz de ajudar, de proporcionar trocas de conhecimentos com outras pessoas e deixa de se sentir inferior. Isso aconteceu com Nettie a irmã de Celie.

Apesar de trabalhar para a Corrine e o Samuel e cuidar das crianças, eu não me sinto como uma empregada. Acho que é porque eles me ensinam, eu ensino as crianças e não tem começo nem fim o ensino, a aprendizagem e o trabalho – tudo acaba se juntando (WALKER, 1982, p. 123).

A leitura e a interpretação podem mudar a maneira de ver as coisas das pessoas que se sentem inferiores ou discriminadas pelas outras, esse é um grande benefício que o letramento pode proporcionar para as pessoas mais excluídas pela sociedade, seja pela condição social, pela etnia ou até mesmo pelo gênero. Quando você passa a ver as coisas de um jeito menos ofensivo com certeza se sentirá mais segura para opinar ou discordar, foi o que aconteceu com a Nettie numa releitura de textos bíblicos.

“A Etiópia estenderá as suas mãos para Deus”. Pense no que significa a Etiópica ser a África! Todos os etíopes da Bíblia eram negros. Isto nunca tinha me passado pela cabeça, se bem que quando a gente lê a Bíblia isso fica perfeitamente claro se a gente prestar atenção só nas palavras. São os desenhos na Bíblia que enganam. Os desenhos que ilustram as palavras. Neles, todas as pessoas são brancas e por isso você pensa que todas as personagens da Bíblia também são brancas. Mas os verdadeiros brancos viviam num outro lugar naquela época. É por isso que a Bíblia fala que o cabelo de Jesus Cristo era que nem lã de cordeiro. Lã de cordeiro não é lisa, Celie. Não é nem anelada (WALKER, 1982, p. 123).

A questão de território e da territorialidade é fundamental para que as pessoas parem para pensar qual é o seu espaço no universo. Um imenso contingente da população negra foi retirado do seu território e levado à força para viver em terras desconhecidas. Os relatos históricos deixam clara a violência com que foram tratados os africanos e quando a Nettie tem a oportunidade de conhecer o Harlem em Nova York, não se contém de tanta felicidade e fez questão de compartilhar isso com Celie através de mais uma carta:

Escute, Celie, Nova York é uma cidade linda. E os negros têm um bairro só deles chamado Harlem. Tem mais negro andando de carro de luxo do que eu poderia imaginar existir, e morando em casas mais bonitas que qualquer branco da nossa cidade (WALKER, 1982, p. 124).

A visão que Nettie tem de novas possibilidades de vida para os negros é transmitida a Celie pelo que ela presenciara em Nova Iorque, bem como as consequências da dominação dos Ingleses sobre os Africanos, o que culminou em analfabetismo e ignorância, como podemos ver em mais um relato da irmã de Celie.

Apesar de ter havido uma época quando a civilização africana superava a da Europa (claro que não foram os ingleses que disseram isso; eu aprendi lendo um homem chamado J. A. Rogers), há vários séculos já que eles estão passando por tempos difíceis. “Tempos difíceis” é uma expressão que os ingleses adoram usar, quando falam da África. E é difícil eles esquecerem que os “tempos difíceis” da África ficaram mais difíceis ainda por causa deles mesmos. Milhões e milhões de africanos foram capturados e vendidos como escravos – você e eu, Celie! E cidades inteiras foram destruídas durante as guerras de caça aos escravos. Hoje o povo da África – tendo assassinado ou vendido como escravos seus membros mais fortes – é um povo enfraquecido por doenças e mergulhado na confusão espiritual e física. Eles creditam no Diabo e veneram os mortos. E não sabem ler nem escrever (WALKER, 1982, p. 127).

É preciso ter força de vontade para continuar transmitindo os ensinamentos adquiridos com muita determinação e dificuldades para aqueles mais necessitados, como é o caso dos Olinkanos uma comunidade africana onde estava vivendo a irmã de Celie.

Nós nos levantamos às cinco horas para um ligeiro café da manhã de mingau de milho e frutas, e vamos para as aulas. Nós ensinamos às crianças inglês, ler, escrever, história, geografia, aritmética e as histórias de nossa Bíblia. [...] Às quatro horas nós ensinamos às crianças mais velhas e à noite nós estamos disponíveis para os adultos. Algumas das crianças mais velhas estão acostumadas com as escolas das missões, mas as menores, não. As mães muitas vezes as arrastam até aqui gritando e chutando. Todos são meninos. Olívia é a única menina (WALKER, 1982, p. 142).

Essa comunidade possuía suas próprias crenças, algumas menos aceitáveis por outras civilizações, preconceituosas até, eles achavam que apenas os meninos tinham o direito de frequentar a escola, de adquirir conhecimentos, de serem instruídos. Para eles a mulher não seria nada por ela mesma, só poderia tornar-se algo se fosse para agradar ao marido e por isso não tinham como obter instrução escolar:

Os Olinkanos não acham que as meninas devam ser educadas. Quando eu perguntei a uma das mães por que ela pensava assim, ela disse: uma menina não é nada por ela mesma; ela só pode se tornar alguma coisa para seu marido. E o que ela pode se tornar?, eu perguntei. Ora, ela disse, a mãe dos filhos dele. Mas eu não sou a mãe dos filhos de ninguém, eu disse, e eu sou alguma coisa. Você não é muito, ela disse. É a criada dos missionários (WALKER, 1982, pp. 142-143).

É esse tipo de posicionamento que torna as pessoas submissas e inferiores umas às outras. Na citação abaixo fica claro que não são apenas os brancos que têm preconceito contra as mulheres negras, mas os próprios homens negros também são preconceituosos com relação às mulheres de sua própria etnia.

Por que a Tashi não pode vir para a escola?, ela me perguntou. Quando eu falei para ela que os Olinkanos não acreditam na educação das mulheres ela disse, rápido como um raio, Eles são como os brancos da nossa terra que não querem que os negros aprendam (WALKER, 1982, p. 143).

A dominação masculina foi um dos principais motivos que levou Celie à carência de estudos, pois era inaceitável aquela comunidade que uma mulher pudesse ter uma profissão, ainda mais se ela fosse negra.

A Tashi é muito inteligente, eu disse. Ela poderia ser uma professora. Uma enfermeira. Ela poderia ajudar o povo da aldeia. Não há lugar aqui para uma mulher fazer essas coisas, ele disse. Então nós devemos ir embora?, eu disse. A irmã Corrine e eu? Não, não, ele disse. Ensinar apenas aos meninos?, eu perguntei. Sim, ele disse, como se minha pergunta fosse uma concordância (WALKER, 1982, p. 147).

Essa dominação afetou a autoestima de Celie de maneira tal que, ela chegou até a duvidar da existência de Deus.

De todo jeito, eu digo, o Deus pra quem eu rezo e pra quem eu escrevo é home. E age igualzinho aos outro home queu conheço. Trapaceiro, isquecido e ordinário. Ela diz, Miss Celie, é melhor você falar baixo. Deus pode iscutar você. Deixa ele iscutar, eu digo. Se ele alguma vez iscutasse uma pobre mulher negra o mundo seria um lugar bem diferente, eu posso garantir (WALKER, 1982, p. 174).

Essa situação despertava revolta em quase todas as mulheres da época, que viam os homens como seus principais inimigos.

O home corrompe tudo, a Doci diz. Ele ta na sua cumida, na sua cabeça, e o tempo todo no rádio. Ele tenta fazer você pensar que Ele ta em todo lugar. E quando você pensa que ele ta em todo lugar, você começa pensar que ele é Deus. Mas ele num é. Quando você tiver tentando rezar e o home se estatelar lá no fim, diga pra ele se mandar, a Doci diz. Invoque as flores, o vento, a água, a pedra (WALKER, 1982, p. 178).

Mesmo quando a mulher negra decide enfrentar seu marido e tenta mostrar qual é a sua verdadeira posição na sociedade e na vida dele, ela acaba sendo agredida ainda que verbalmente, veja as palavras direcionadas à Celie pelo seu marido Albert.

Ele ri. Quem você pensa que é?, ele diz. Você num pode amaldiçoar ninguém. Olhe pra você. Você é preta, é pobre, é feia. Você é mulher. Vá pro diabo, ele diz, você num é nada (Walker, 1982, p. 186).

Entretanto, o letramento de Nettie fez com que Celie, ao ler enfim as cartas enviadas pela irmã e escondidas por Albert durante longos anos renovasse suas forças para continuar buscando seu espaço e para se assumir como um ser capaz de concordar ou discordar das decisões a respeito de sua vida e da dos que ela amava, brotando em si a esperança de reencontrar seus filhos Adam e Olivia, e sua amada irmã Nettie para que juntos tivessem uma vida digna e livre.

O perfil de Preciosa denuncia uma criança marginalizada sem afeto, repleta de amarguras e ressentimentos, que leva uma vida de adulto para servir a uma mãe ociosa e dominadora e a um pai que a viola sexualmente desde tenra idade. Desde a infância a personagem já demonstra grande deficiência no rendimento escolar e o fato de estar fora da faixa etária da série em que estuda agrava ainda mais a sua autoestima.

Eu levei bomba quando tava com 12 anos por causa que tive um neném do meu pai. Foi em 1983. Fiquei um ano fora da escola. Esse vai ser meu segundo neném. Minha filha tem Sindro de Dao. É retardada. Levei bomba na segunda série também, quando tinha 7 anos, Porque não sabia ler (e ainda mijava nas calças). Eu devia ta na décima primeira série, estudando pra ir pra décima segunda série pra poder me formar. Mas não to. Tô na nona série (Sapphire, 2010, p. 11).

Na citação abaixo vemos que o mau desempenho na escrita e leitura influencia na exclusão social do indivíduo, principalmente quando Preciosa atribui às

provas escolares o poder de transformar ela e toda a família em pessoas invisíveis, ou seja, sem ter o direito de ocupar um espaço digno na sociedade.

Sempre teve alguma coisa errada com as prova. As provas dá uma ideia de que eu não tenho cérebro. As prova dá uma ideia de que eu e minha mãe, minha família inteira, que a gente somos mais do que idiota, a gente somos invisível (Sapphire, 2010, p. 41).

Aos 16 anos apenas e a situação psicológica da garota já é lamentável a ponto de proporcionar-lhe em muitos momentos desagradáveis, desfavoráveis à sua autoestima. Essa adolescente, que desde criança teve a infância destruída se vê numa vida tão absurda que muitas das vezes lhe parece surreal, desta forma o preconceito mata a sua alegria de viver.

Monga parece espanhol, né? É, foi por isso que eu escolhi esse nome, mas na verdade é diminutivo de Mongoloide Sindro de Dao, que é o que ela é; às vez é o que eu acho que eu sou. Às vez eu me sinto burra demais. Feia demais, não valendo nada. Eu podia ficar sentada aqui com a minha mãe todo dia, com as janela fechada, vendo TV; comer, ver TV; comer (Sapphire, 2010, pp. 46-47).

Para Preciosa a escola é a única solução para sair de perto de sua mãe, ficar longe de seu pai que a vê como mulher e nunca como uma filha. Assim, o seu lar é o seu tormento, seus pais são seus inimigos e o mundo de todos não é o seu mundo, senão vejamos: “Pronta pra escola. A escola é alguma coisa (isso aqui é nada!). A escola vai me ajudar a cair fora dessa casa” (Sapphire, 2010, p. 46).

A primeira mudança positiva na vida escolar de Preciosa foi quando ela passou a frequentar a escola alternativa, apropriada para pessoas rebeldes, com dificuldades na leitura e na escrita. Pela primeira vez Preciosa senta-se na cadeira da frente e faz uso da sua voz para falar boas palavras.

Agora todo mundo tá me olhando. No círculo eu vejo todo mundo, todo mundo me vê. Sinto vontade de voltar pro fundo da sala por um segundo, depois penso nunca mais, prefiro me matar antes que isso aconteça (Sapphire, 2010, p. 58).

Um novo mundo começa a ser revelado à jovem mulher negra a partir do momento em que ela consegue ler a primeira frase durante os 16 anos vividos. Isso lhe traz grande alegria e de repente vemos florescer a sua autoestima através do início do processo do letramento:

\_\_ Praia \_\_ mas não tenho certeza, conheço o P de “praia”, e não tem P nessa palavra. Ela diz: \_\_ “Litoral”, essa palavra é “litoral”, é quase como “praia”, muito bem, muito bem. \_\_ Depois ela fala em voz baixinha que nem um gato ronronando (eu sempre quis ter um gato): \_\_ Você consegue ler a frase inteira? Eu digo: \_\_ Um dia na praia. Ela diz muito bem e fecha o livro. Sinto vontade de chorar. Sinto vontade de rir. Quero abraçar e beijar a Srta. Rain. Ela faz eu me sentir bem. Eu nunca tinha lido nada antes (Sapphire, 2010, p. 67).

O segundo passo para a aprendizagem de Preciosa vem através do diário, onde ela começa a escrever utilizando as letras do jeito que sabe. Ao perceber a sua própria capacidade, percebemos o desabrochar da felicidade para essa garota vítima de tantos abusos.

A Srta. Rain sabe que a Moguinha é minha filha porque eu escrevi no diário. Tô feliz porque to escrevendo. Tô feliz porque to na escola. A Srta. Rain diz que a gente vai escrever todo dia, isso quer dizer em casa também. E ela vai escrever de volta todo dia. Que legal! (Sapphire, 2010, p. 75).

Na medida em que a leitura e a escrita vão se desenvolvendo, Preciosa também sente a necessidade de manifestar palavras carinhosas para o seu segundo bebê. Geralmente a mesma ressalta a importância de ler e escrever e mesmo com a criança ainda em seu ventre já tenta ensinar o alfabeto ao feto.

Escuta neném, mamãe ama você. Mamãe não é burra. Escuta neném: ABCDEFHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ. Isso é o alfabeto. Vinte e seis letra. As letra faz palavra. As palavra é tudo (Sapphire, 2010, p. 80).

Toda a compreensão da professora despertou a confiança em Preciosa, que passou a ver a Srta. Rain como um porto seguro que sempre lhe mostrou a oportunidade que ela teria de uma vida melhor, lutando pelos seus objetivos, tendo como base a sua escola.

Querida Srta. Precious, Você levanta meu dia! Você simplesmente não sabe como adoro ter você na minha turma, como eu amo você, ponto final. E sinto orgulho de você; toda a escola sente orgulho de você. Tenho certeza de que você vai poder arranjar um emprego quando tirar seu DEG. E talvez sua assistente social ajude a encontrar um bom lugar para você, a Moguinha e o Abdul (Sapphire, 2010, p. 104).

Muitas coisas boas acontecem desde que Preciosa aprende a utilizar a leitura e a escrita para se comunicar, mas a descoberta que ela tinha AIDS lhe deixa atormentada. No entanto, a família que a mesma consegue formar com as companheiras de escola, não permite o seu fracasso. Como podemos ver, até a

maneira da jovem se expressar possui um vocabulário mais complexo, enriquecido por uma linguagem metafórica:

Não tenho nada pra escrever hoje, talvez nunca. Agora a marreta ta no meu coração, me batendo, eu sinto como que meu sangue é um rio gigante crescendo dentro de mim e que eu to afogando. Minha cabeça ta toda escura por dentro. Parece que agora tem um rio gigante na minha frente que eu nunca atravesso. A Srta. Rain diz: Você não tá escrevendo, Precious. Eu digo que to afogando no rio. Ela não me olha que nem que eu era maluca mas diz: Se ficar só aí sentada, o rio vai subir mais e afogar você! A escrita pode ser o barco que vai levar você pro outro lado (Sapphire, 2010, p. 112).

Preciosa é uma garota insatisfeita com o seu corpo, seu cabelo e principalmente com a cor da sua pele. Para ela ser branca seria a solução de boa parte dos problemas que a perseguem, sendo um deles a falta de atenção dos garotos. Se essa personagem pudesse se transformar certamente não hesitaria em obter todas as características de um branco. Percebemos o desejo seu de ser branca quando ela mesma torna por instante o seu sonho real, usando os artifícios da sua imaginação para anotar no seu diário:

A Srta. Rain diz pra escrever o que a gente fantasiamos sobre a gente. Como a gente ia ser se a vida fosse perfeita. Agora eu te digo uma coisa, eu ia ser clara, e assim ia ser bem tratada e amada pelos garoto. Clara é ainda mais importante que magra; você vê umas garota de pele clara e gorda, elas têm namorado. Os garotos passa por cima de muita coisa pra ficar com uma garota branca ou amarela, especialmente se for um garoto de pele escura com beijos grande ou nariz grande, ele PIRA com a garota amarela! Então essa é minha primeira fantasia, ser clara. Depois eu tenho cabelo. Que balança, você sabe, que nem eu faço com meus aplique, mas dessa vez é com meu cabelo de verdade, pra sempre (SAPPHIRE, 2010, p. 130).

Notamos que a Srta. Rain foi de extrema importância no processo de letramento de Preciosa, o que também nos leva a pensar na importância de Nettie na alfabetização de Celie em *The color Purple*,. Com a força de vontade da aluna e a dedicação e estímulo da professora Rain, aos poucos vemos surgir a aprendizagem e reciprocamente a esperança de construir uma vida digna, longe dos “pais inimigos”, que destruíram a sua infância. A própria adolescente expressa o seu desejo de esquecer o passado, uma vez que tudo o que lhe importa no momento é a vida que pretende ter, com um lugar digno para ela e os filhos. O interessante é que a personagem ressalta uma das funções da escola, ou seja, a preparação do indivíduo para o futuro, que não deve ser visto como algo distante e sim como um

caso urgente que deve ir se formando em longo prazo, para que se tenha resultados satisfatórios. Vejamos na citação abaixo a esperança que Preciosa deposita na escola.

A Srta. Rain sempre diz escreva lembre escreva lembre. A assistente diz fala sobre isso, fala sobre o PASSADO. Que tal AGORA! Pelo menos com a escola eu to me preparando pro meu futuro (que pra mim é agora) (SAPPHIRE, 2010, p. 131).

Atualmente o preconceito ainda aponta para o negro certos trabalhos tidos como inerentes a eles: o mais comum para as mulheres é o de doméstica, função essa desempenhada pelas negras desde o período da escravidão. Não estamos querendo dizer que esta não seja uma profissão digna, só estamos querendo chamar a atenção para lembrar que os trabalhos designados aos negros não devem ser limitados a funções e cargos considerados inferiores. Partindo desta ideia vemos que Preciosa está disposta a lutar contra este estereótipo inferiorizador no mundo do trabalho. Observe abaixo:

\_\_ De jeito nenhum! \_\_Grito. \_\_Eu vou tirar meu DEG, vou conseguir um emprego e um lugar para mim e pro Abdul , depois vou pra faculdade. Não quero ser “auxiliar doméstica” de ninguém (SAPPHIRE, 2010, p. 137).

Preciosa e Celie não são simplesmente personagens de ficção. Infelizmente elas representam inúmeras garotas reais que se tornaram mulheres frustradas por ter a infância destruída devido terem sido vítimas de estupros e preconceitos. Vemos no dia a dia, como na literatura, muitas crianças sendo mães aos 12, 13, 14 anos, e o mais lamentável é que os pais dos seus filhos também são seus próprios pais. A preciosidade não se encontra na cor branca, negra ou amarela, e sim na coragem de olhar para o passado, superá-lo e dizer: \_ Vou vencer, minha vida é muito preciosa!

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura tem nos proporcionado um campo muito amplo de estudos diversos. Neste trabalho nos foi permitido observar e comparar o processo de aprendizagem e de aquisição da linguagem através do letramento em duas obras de escritoras americanas: os romances *A Cor Púrpura*, de Alice Walker, e *Preciosa*, de Sapphire. Essas obras nos permitiram explorar vários aspectos relacionados a questões de ordem social referentes à mulher na contemporaneidade, e aqui optamos por desenvolver um trabalho voltado para a importância do letramento na vida e no destino de duas personagens adolescentes, ambas pobres e negras, Celie Johnson e Clarice Precious Jones. É evidente que essas narrativas não se resumem apenas a essa temática, pois ainda há muito a se explorar, cabendo inclusive uma investigação a respeito dos direitos humanos, escandalosamente violados no caso dos dois romances. É visível também a importância da linguagem das autoras para demonstrar tais questões voltadas ao feminismo, uma vez que as atualizações dos direitos e deveres ganharam novas dimensões a partir da nova consciência adquirida por elas. Dessa forma, podemos dizer que pensar no social sem atribuir as contribuições femininas é esquecer-se de lutas diárias das mulheres contra muitas discriminações sexistas, como por exemplo, o empenho de autoras como Walker e Sapphire neste sentido.

Portanto, a conclusão a que chegamos é a de que a aquisição da leitura e da escrita, ainda que rudimentar, foi o principal fio condutor que levou as duas personagens centrais aqui analisadas a ver a vida com outros olhos e desta forma conseguir mudar radicalmente o rumo das suas sofridas experiências de vida.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

BARBOSA, Ivanilda. **A Escrita Paterna e o Desvelamento de Sentido em Uma Noite em Curitiba**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 7. Brasília, maio/junho de 2000, pp. 11-21.

BERND, Zilé. **Negritude e Literatura na América Latina**. São Paulo: Mercado Aberto, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MASETTO, Marcos Tarcisio. **Didática: a aula como centro**. 4ª ed. São Paulo: FTD, 1997.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Guerra, 1988.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Tradução Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008

SAPPHIRE. **Preciosa**. Tradução Alves Calado. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SEMONG, at alli. **Gostando mais de nós mesmos: perguntas e respostas sobre a auto-estima e questão racial**. São Paulo: Editora Gente, 1999.

SMITH (1989, p. 369) apud NAPIER, Winston. **African American Literary Theory**. NY: NUP, 2000.

VALENTE, Ana Lúcia E.F. **Ser negro no Brasil hoje**. 16º Ed. São Paulo: Moderna, 1987.

VALENTIM, Claudia Atanzio. **O romance epistolar na literatura portuguesa na segunda metade do século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdades de Letras, 116 fls mimeo. Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa, 2006.

WALKER, Alice. **A Cor Púrpura**. Tradução Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Circulo do Livro, 1982.